

Perspectivas gramaticais e históricas de línguas neolatinas: o cedilha, do castelhano medieval para o português contemporâneo

João Pedro Ferreira Pereira*

Resumo: Este artigo disserta, sob a perspectiva da Gramática Histórica, o processo evolutivo de registro do fonema sibilante /s/ em duas línguas neolatinas, o português e o castelhano (ou espanhol). Observa-se, por meio da evolução da língua, registrada em textos medievais castelhanos, que a representação gráfica |ç|, que é originalmente espanhola, perde sua função depois do ajuste das sibilantes no século XVI na forma escrita do castelhano após evoluções fonéticas que influenciaram a escrita, sendo substituída pelo |z|, mas continua sendo usada em outras línguas neolatinas, como no português moderno. O esclarecimento dessas questões é importante ao docente de línguas neolatinas, especificamente o espanhol. Esta pesquisa qualitativa de metodologia bibliográfica busca apresentar, partindo de trechos de textos arcaicos das duas línguas, essa evolução. Para o castelhano, um excerto da *Carta-puebla de Monterreal en la provincia de Pontevedra*, do séc. XV, e do português, um trecho da *Crônica de D. Fernando I*, do século XIV. O presente trabalho se fundamenta teoricamente em Bagno (2007), Echenique Elizondo (2003), Coutinho (2011) e Penny (1998). Assim, este artigo contribui significativamente para uma maior compreensão da evolução ortográfica da língua.

Palavras-chave: Castelhana; Latim; Gramática histórica; Português.

Resumen: Este artículo diserta, bajo la perspectiva de la Gramática Histórica, sobre el proceso de evolución del registro del fonema sibilante /s/ en dos lenguas neolatinas, el portugués y el castellano (o español). Así que, de la evolución de la lengua, registrada en los textos castellanos medievales, se desprende que la representación gráfica |ç|, originaria del español, pierde su función al ajustarse las sibilantes en el siglo XVI en la forma escrita del castellano, tras las evoluciones fonéticas que influyeron en la escritura, siendo sustituida por |z|. Pero sigue utilizándose en otras lenguas neolatinas, como el portugués moderno. El aclaramiento de esas cuestiones es importante al docente de lenguas neolatinas. Esta pesquisa cualitativa de metodología bibliográfica busca enseñar, partiendo de fragmentos de textos arcaicos de las dos lenguas, esa evolución. Para el castellano, un fragmento de la *Carta-puebla de Monterreal en la provincia de Pontevedra*, del siglo XV, y del portugués, un fragmento de la *Crónica de D. Fernando I*, del siglo XIV. El presente trabajo se fundamenta teóricamente Bagno (2007), Echenique Elizondo (2003), Coutinho (2011) y Penny (1998). Así, este artículo contribuye significativamente para una mayor comprensión de la evolución ortográfica de la lengua.

Palabras-clave: Castellano; Gramática Histórica; Latín; Portugués.

* É aluno do curso de Letras-português da Universidade Federal de Campina Grande, pós-intercambista do programa Gira Mundo/Espanha, do Governo da Paraíba, e professor de espanhol na rede privada de ensino. E-mail: ferreirajoapedro193@gmail.com. Este artigo tem caráter de iniciação científica. Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

1. Introdução

O português e o castelhano¹ são línguas neolatinas formadas na Península Ibérica, resultado da evolução do latim vulgar trazido a essas regiões por volta do século III a. C. Contudo, não são regulares – assim como nunca foi regular o latim, que historicamente passou por mudanças tênues ou nítidas – esse processo de mudanças é natural em todos os idiomas, tendo em vista as distâncias de tempo e de espaço que os atravessam, fora fatores de caráter social. Assim, o estudo das línguas deve acontecer considerando a evolução diacrônica e situada delas, por isso é importante também entender os processos formadores dos nossos padrões linguísticos para uma melhor compreensão das línguas a partir da análise e da reflexão das suas histórias.

Nesse sentido, entende-se que línguas irmãs podem receber influência mútua. É herança do castelhano no português a representação gráfica da consoante sibilante /s/, em alguns casos, por meio do cedilha |ç|. Assim, se conhece o cedilha, sua existência e berço espanhóis, através de textos medievais, desaparecendo posteriormente do castelhano e sendo substituída pela consoante |z| ou |c|, resultado da mudança fonética da africada /ts/ à fricativa /s/. Por isso, aparece no castelhano medieval *cabeça* (com o |ç| pronunciado como /ts/) e no espanhol moderno *cabeza* (com o |z| pronunciado como /s/). Apesar disso, o cedilha permanece no português como marca de distinção fonética entre os fonemas /s/ e /k/. A letra |c| é utilizada antes das consoantes |e| e |i|, o cedilha, antes das vogais |a|, |o| e |u|.

Desse modo, partindo da perspectiva da gramática histórica dos dois idiomas aqui apresentados, busca-se compreender o surgimento e o desaparecimento do |ç| no castelhano e a sua transposição para a grafia do português. Para tanto, este trabalho fundamenta-se nos gramáticos históricos do espanhol Echenique e Elizondo (2003); Penny (1993); do português Bagno (2007) e Coutinho (2011). Ademais, esta pesquisa é qualitativa e de abordagem bibliográfica.

Por isso, este artigo está dividido nesta primeira parte introdutória, necessária à compreensão do objetivo; em uma segunda, busca-se apresentar o uso do cedilha no espanhol medieval, sua função e desaparecimento causado por mudanças fonéticas, comprovado através do trecho de um texto escrito em castelhano medieval, datado do século XV; depois, os vestígios deixados por ele no português são investigados, dado o contexto próximo de formação dos dois idiomas e mais um trecho medieval, desta vez do português, para melhor compreensão desse vestígio castelhano deixado no idioma de Camões, além da importância desses saberes ao ensino de idiomas neolatinos; e por último, as conclusões finais.

¹ Conforme a Real Academia Espanhola “Para designar a língua comum da Espanha e de muitas nações da América, e que também se fala como própria em outras partes do mundo, são válidos os termos *castelhano* e *espanhol*”. Disponível em: Dicionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE (Tradução e grifos do autor). Prefere-se aqui o termo castelhano em oposição às outras línguas co-oficiais faladas nos territórios autônomos na Espanha e que têm marcadas diferenças em relação ao castelhano.

2. Do castelhano medieval ao espanhol moderno

Conforme aponta Penny (1993), a romanização do território espanhol começou no ano 218 a.C. durante a Segunda Guerra Púnica. Foi um processo lento, iniciado na província de Cádiz, ao Sul, e que atingiu seu apogeu em 19 a. C. com a conquista da Costa Cantábrica. O processo de ocupação territorial e subjugação não aconteceu alheio às imposições linguísticas e culturais. Por isso, a fase da conquista abriu espaço para a latinização quase completa do território ibérico, não se dando totalmente no País Vasco e outras regiões que já haviam assimilado com mais firmeza a cultura germânica dos godos e visigodos que ocuparam esses territórios antes dos romanos. Deu-se, portanto, um processo de mudança linguística engendrado pelos romanos, característico de seu modo de ocupação. Segundo Penny (1993), em toda mudança linguística acontece um período de bilinguismo no qual dois idiomas, a língua levada pelos conquistadores e a língua que lhes antecede, convivem mutuamente. Esse processo atravessa várias gerações até a consolidação da língua dos conquistadores, entretanto, ainda não se alcança de todo um padrão linguístico. Como define o gramático:

[...] com o fim do Império Romano, as próprias condições históricas favoreciam o distanciamento do padrão linguístico para o qual os habitantes haviam se inclinado; deste modo, se perpetuava qualquer característica “incorreta” da fala local. O fato é que se descrevera o *espanhol* como uma forma bastante particular de romance peninsular. (Penny, 1993, p. 7, tradução e grifos do autor).

Desse modo, a língua hispânica forma-se como um idioma com características peculiares, a partir do latim e passível de mudanças por questões geográficas, dada a centralização do poder em regiões comerciais e a marginalização linguística de regiões periféricas. Também é importante, conforme apontam Echenique Elizondo (2003), reconhecer o passado peninsular anterior à romanização e as influências visigoda (séc. V); muçulmana (séc. VIII), como também a cristã (coroada com o casamento dos Reis Católicos em 1469). Nesse sentido, destaca-se ainda a ocupação moura que estabelece, desde o século VIII, um emirado na região de Córdoba. São muitas as influências no território espanhol ao longo da formação política e linguística da Península Ibérica e as constantes mudanças dadas até a consolidação territorial, conseguida parcialmente pelo casamento dos Reis Católicos em 1469. Sobre a representação do idioma, resultante das influências latinas, já no ano de 1090 o Concílio de Burgos definiu uma representação gráfica baseada na pronúncia (Wright, 1989); posteriormente Afonso X (1252-1289), rei de *Castilla* e *León*, institui um modelo para o idioma escrito a ser seguido em documentos reais.

Salienta-se ainda que na formação do idioma também acontecem processos de evolução fonética que se refletem na ortografia, ajudando à simplificação da fala e da escrita. Conforme aponta Echenique Elizondo (2003, p. 70, tradução e grifos do autor):

Podemos dizer que a história da língua espanhola seguiu um caminho de simplificação de grafia: nas primeiras etapas da língua, as grafias foram se emancipando dos seus valores latinos para passar a representar a realidade românica *castelhana* na qual haviam surgido novos sons como consequência da evolução fonética do latim e sua consequente reordenação no sistema romano *castelhano*.

Afere-se daí a consequente implicação da fonética na representação gráfica e da maneira como a fala influenciou a escrita, em uma perspectiva diacrônica.

Com isso, entende-se que essas evoluções se deram no campo fonético e, paralelamente, ortográfico. Destaca-se aqui a evolução palatal das consoantes no castelhano, operada de forma a simplificar a articulação fonética e que influenciou no registro gráfico. Neste caso, objetiva-se apresentar a evolução que aconteceu no fonema africado dental /ts/, do espanhol medieval, que a princípio foi registrado graficamente pelo cedilha. Mas, por meio de um processo fonético de palatização, essa forma de registro ortográfico mudou ora pelo |c|, ora pelo |z|.

Diante do exposto, fica claro que a latinização da Península Ibérica deu azo à formação de línguas neolatinas, provenientes do mesmo latim. Nessa perspectiva, Penny (1993) ainda aponta para a heterogeneidade das mudanças fonéticas, que podem acontecer por diversas causas, não sendo possível descrever todas elas. Essas mudanças podem acontecer no processo de bilinguismo, quando o latim e o castelhano existiram concomitantemente na “boca do povo”, ou pode acontecer quando já uma das duas línguas se estabelece como principal, mas continua com vestígios da outra. Neste caso, a evolução do fonema /ts/, que se palatizou em /s/, aconteceu nos dois períodos históricos, como descrevemos a seguir.

Em suma, o romance castelhano - entendido aqui como idioma resultante da língua dos romanos, por isso romance -, que se formara nos territórios ocupados é o próprio latim modificado, não alheio às mudanças que aconteceram para a formação desses romances, os processos evolutivos deram-se no campo fonético e gráfico, mas também nos semânticos, lexicais etc. Destacamos aqui a evolução fonética /ts/ > /s/ que resultou, posteriormente, na evolução gráfica |ç| > |z| ou |c|, culminando no desaparecimento do cedilha no espanhol. É importante destacar que o fonema /ts/ é resquício do latim vulgar. Para melhor compreensão, visualize-se o seguinte quadro fonético do espanhol medieval e moderno:

Quadro 1: Quadro fonético do espanhol medieval e moderno

lugar	bilabial	labio-dental	inter-dental	dental	alveolar	alveo-palatal	palatal	velar	glotal
maneira	sd / son	sd / son	sd / son	sd / son	sd / son	sd / son	sd / son	sd / son	sd/son
oclusiva	p / b			t / d				k / g	
fricativa	/ β	f /	θ /	/ δ	s / z	ʃ / ʒ	/ y	x / γ	h /
africada				ts / dz		tʃ / dʒ	/ ɣ		
nasal	/ m				/ n		/ ñ		
lateral					/ l		/ ʎ		
vibrante					/ r, ɾ				
deslizada							/ j	/ w	

Fonte: Las consonantes del castellano medieval y el español moderno. Disponível em: <https://uni.edu/~castillo/241/consonantes.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023

Nesse quadro destaca-se a africada dental /ts/ do espanhol medieval, muito próxima da fricativa alveolar sibilante /s/. Por um processo de simplificação ocorrido no espanhol, passamos da pronúncia /ts/ para /s/.

Podemos visualizar da seguinte maneira a mudança, do latim, passando pelo castelhano medieval, ao espanhol moderno:

mattiana > mançana > manzana;
 bracchiu > braço > brazo;
 captiare > caçar > cazar.

Porquanto temos essa noção, pode-se entender melhor esse quadro evolucionar. Nas palavras da primeira evolução, do latim ao castelhano medieval, o cedilha (que recebe o nome de *cedilla* no castelhano) representa o fonema /ts/, assim temos [mãtsana], essa forma de pronúncia é resquício do latim e a letra |ç| passa a representá-la para que houvesse uma distinção do fonema /s/, que era representado com as letras |c| ou |s|. Por um processo de palatização do fonema /ts/, que pelo modo de articulação passa para /s/, essa distinção ortográfica se torna desnecessária, dada a pronúncia similar de ambos. Na contínua evolução do castelhano medieval para o espanhol moderno há uma simplificação de representação comum do fonema /s/ pelas letras |z|, |s| ou |c|.

Para melhor visualização desse processo pode ser útil um excerto em castelhano medieval. Ao passo que comprova o uso do cedilha para essa representação, oferece leituras mais apuradas sobre o uso do sinal gráfico, originalmente espanhol. O trecho compõe parte da *Carta-puebla de Monterreal en la provincia de Pontevedra*, documento jurídico do século XV e que ilustra bem a realidade linguística exposta:

[...] quando los Reyes ó príncipes son más poderosos, más merçedes deven fazer, espeçialmente franquezas é libertades en aquellos lugares por do se pueblen sus çibdades é villas é lugares; los quales tienen á sus Reyes en lugar de dios en la tierra, é cabeça é coração é fundamento de sus pueblos, á quien

*todos con grande amor deven servir onrrar e acatar tener é loar é serles obedientes [...].*²⁴

Igualmente às palavras apresentadas anteriormente e suas transformações, o excerto acima destacado apresenta exemplos dessa forma arcaica de representação do fonema, como nas palavras *merçedes*, *espeçialmente*, *çibidades*, *cabeça* e *coraçón*. Esse grupo de palavras demonstra que o fonema africado /ts/ era representado por meio do cedilha espanhol. Esse som se justifica no latim, tomando por exemplo a palavra *cabeça* temos sua raiz etimológica no latim *capitia*, que ao longo de sua evolução apresentou o som intermediário *capitsia*. Com isso, em vista da palatização fonética, esse som africado mudou o ponto de articulação passando a ser pronunciado como /s/, o que resultou em uma mudança também ortográfica, justificada pela simplificação fonética. Atualmente, no castelhano contemporâneo, escreve-se respectivamente *mercedes*, *especialmente*, *ciudades*, *cabeza* e *corazón*. Afere-se que o cedilha foi substituído no espanhol pelo |c|, antes das vogais |e| e |i| e pelo |z| antes de |a|, |o| e |u|.

3. As influências castelhanas: do latim ao português

A partir do já exposto, é importante seguir percorrendo sobre a formação das línguas neolatinas, agora o português. Cabe destacar ainda a diferença entre latim clássico e latim vulgar, que de forma alguma são duas línguas diferentes, mas modalidades da mesma língua. O latim clássico pode ser entendido como uma língua literária, enquanto o vulgar era a sua versão popular e simplificada, ambas convivendo no mesmo tempo e ambientação, facilitando a compreensão na vida cotidiana. Portanto, o latim clássico está para a escrita e o vulgar para a fala, fato é que menos se sabe do latim vulgar em termos de textos se comparado ao clássico.

Por isso, pode-se colocar em um mesmo grau de filiação o português e o espanhol, visto ambos serem línguas românicas originadas do latim vulgar e transformando-se nos romances peninsulares, nossos atuais idiomas transformados pelo tempo. Visto isso, é importante entender o processo de formação do português e como pode ter sido influenciado pelo castelhano. Assim, a língua portuguesa formou-se no latim, como aponta Coutinho (2011, p. 46), ao dizer que “[...] o português é o próprio latim modificado”. O processo de penetração dos romanos na região da Lusitânia, hoje Portugal, aconteceu por volta do séc. III a. C., mas foi precedido pelo domínio de outros povos nessa região, como os celtas, no séc. V a. C. (Ilari, 1999). O que marca o domínio romano nessa região peninsular são as guerras púnicas, apesar do combate dos cartagineses, que já estavam nessa região

² Carta-puebla de Monterreal. Disponível em: Carta-puebla de Monterreal en la provincia de Pontevedra. Diploma inédito de los Reyes Católicos | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (cervantesvirtual.com). Acesso em: 20 mai. 2023.

peninsular, contra os romanos, por isso o território foi conquistado gradativamente entre 264 e 146 a.C.

A romanização da Lusitânia e da Península, em geral, foi um processo lento e cheio de fatores adversos, como já demonstrado com a invasão dos bárbaros no séc. V e dos árabes no séc., VIII. Quanto a isso, Coutinho (2011) ressalta que os povos peninsulares absorveram muito da cultura árabe e de sua língua, na ocupação ocorrida por volta de 711 d. C., chegando em alguns momentos a esquecerem de seus romances em detrimento desse outro idioma aí introduzido, mas em geral, os romances continuaram sendo a língua dos povos subjulgados. Pode-se observar que por muito tempo a história de Portugal e Espanha é a mesma, visto ambas fazerem parte do mesmo território peninsular. O que demarca, a princípio, uma divisão dos dois territórios é a outorga do Condado Portucalense ao conde D. Henrique de Borgonha, oferecido por D. Afonso VI, rei de Castela e Leão, em gratidão pela ajuda do conde para a expulsão dos mulçumanos do território castelhano. Mas é somente com D. Afonso Henriques que temos a consolidação de um reino português. Sua proclamação em 1143 leva à emancipação de Portugal.

Mesmo com o longo período de união peninsular, a faixa mais ocidental, que compreende Portugal, o português teve forte diferença do castelhano, essa diferença foi acentuada depois da independência política de Portugal, conforme observa Coutinho (2011, p. 55) a respeito dessa diferença:

A princípio pequena, foi-se acentuando no correr do tempo, até que o *português* se tornou completamente autônomo do galego. Em documentos do *latim bárbaro* do século IX, já se encontram algumas formas vulgares vernáculas. Isto nos leva a crer que o *português*, ou mais propriamente, o *galego-português*, já existia nesse tempo. No entanto, só no século XII é que aparecem textos inteiramente nele redigidos.

A partir disso, obtém-se que, apesar de terem sido formadas no mesmo período e em situações muito próximas, tanto geográficas quanto culturais, além de ambas serem línguas neolatinas, o português e o castelhano compreendem marcadas diferenças, assim como outras línguas neolatinas a exemplo do provençal, italiano, francês e etc.

Não obstante essas diferenças, o português e o espanhol, visto sua formação dada em paralelo, contribuíram uma à outra por meio de elementos fonéticos, semânticos, morfológicos etc. Prova disso é o cedilha |ç|, comprovadamente espanhol e usado por muito tempo no registro gráfico desse idioma, que foi assimilado pelo português para também registrar fonemas sibilantes. A respeito disso, Bagno (2007) apresenta os processos de transformação assibilantes do latim ao português nos quais o cedilha foi utilizado para registro gráfico. Por tanto, a assibilação é a

Transformação de um ou mais segmentos sonoros numa consoante sibilante: capitia > cabeça; audio > ouço; judiciu > juízo. Observe-se que todos esses casos de assibilação se deveram à presença de um iode subsequente à consoante que se assibilou (Bagno, 2007, p. 12).

Nessa transformação fonética, resultou ao cedilha espanhol registrar graficamente esse som sibilante. No caso do português medieval, o uso era mais abrangente e não compreendia uma regra clara. Fernão de Oliveira, no século XVI, tentando distinguir os fonemas sibilantes apresenta uma visão prática da pronúncia do cedilha: “Esta letra c. cõ outro. c. de bayxo de si virado para tras nesta forma. ç. te a mesma pronuçiação que. z. se não que aperta mais a lingoa nos detes” (OLIVEIRA 1536, 24).

Para melhor observar o uso do cedilha, herança do castelhano, no espanhol medieval, cabe fazê-lo por meio do Testamento de Dom Fernando, datado do século XIV e registrado nas crônicas de Fernão Lopes. Nele temos:

Este Rei Dom Fernando começou de reinar o mais rico Rei que em Portugal foi ataa o seu tempo: ca elle achou grandes thesouros que seu padre e avoos guardarom, em guisa que soomente na torre do aver do castello de Lisboa foram achadas oito çentas mil peças douro, e quatroçentos mil marcos de prata, afora moedas e outras cousas de garnde valor que hi estavam [...]³

O excerto nos apresenta o uso bastante abrangente do cedilha, esse uso mais amplo reflete a própria forma de se pensar a gramática da época e reflete a influência espanhola do uso do cedilha antes das vogais. O que no espanhol moderno foi substituído, como já visto anteriormente.

Com isso, ao chegar ao português contemporâneo, é aceitável que o cedilha continue fazendo parte do registro gráfico português. Contudo, limita-se a anteceder as vogais |a|, |o| e |u| e das nasais |ã| e |õ| para indicar o fonema sibilante /s/, visto que antes de |e| e |i| utiliza-se a consoante |c| para a representação do mesmo fonema. Também se prefere o cedilha para registro da sibilante em palavras de origem indígena (paçoca, açaí, cupuaçu), árabe (açafate, açafraão, açoteia) e africana (caçula, caçamba, poço). O cedilha ainda faz parte do catalão, língua neolatina autóctone falada na região espanhola da Catalunha (Catalunya).

No ensino de espanhol, o docente pode encontrar respostas a perguntas por vezes levantadas, estabelecendo relações diacrônicas e de paralelismo entre o idioma ensinado, a língua materna e o latim. Uma delas pode ser o caso da pronúncia da consoante |z|, que não tem o mesmo som que no português. Outra questão levantada pode ser a ausência do cedilha

³ Primeiro e segundo testamento de Dom Fernando. Disponível em <<https://1library.org/article/primeiro-e-segundo-testamentos-de-d-fernando.zw33m10y>> Acesso em: 01 jun. 2023

no espanhol, é o caso de utilizar-se do exposto anteriormente acerca da evolução histórica e fonética da língua para explicar as divergências entre dois idiomas neolatinos.

4. Conclusão

Conforme proposto no início deste trabalho, foi analisada de forma diacrônica a evolução gráfica que se deu como consequência de processos fonéticos da língua castelhana, em especial atenção ao uso do cedilha, naturalmente espanhol, mas que desapareceu do castelhano, idioma oficial da Espanha. Ademais, fica clara a importância desses conhecimentos históricos para o ensino de línguas; neste caso, o espanhol, como também os resquícios desses processos no ensino do português, que conserva ainda o cedilha como marca diferencial entre as sibilantes. Atestou-se a visível evolução pelas quais passaram as línguas aqui abordadas, desde o latim até o português e o castelhano, além da influência exercida pelo castelhano medieval no português de nossos dias e a importante abordagem desses conhecimentos pelo profissional docente no ensino de línguas.

A partir do exposto, é mister a compreensão dos processos formadores da língua, sua evolução como um todo e as percepções que dessa compreensão podem ser úteis ao ensino. Isso é possível por meio de uma maior atenção que deve ser dada aos processos diacrônicos, ao ensino de latim e da gramática histórica. Só assim poderemos perceber os efeitos positivos que a construção desses conhecimentos pode exercer sobre o aprendizado. Muito ainda pode ser feito em relação a essa compreensão, sempre buscando aclarar outros pontos que compreendem as duas línguas e delas traçando novos paralelos.

Portanto, salienta-se aqui a importância dos conhecimentos diacrônicos que compreendem os processos de formação das línguas. A aproximação entre ambas pode favorecer a compreensão de temas gramaticais e auxiliar na construção de conhecimentos morfológicos, fonéticos ou sintáticos sobre as línguas. O papel da gramática histórica aqui é importante para aproximar da realidade contemporânea fatos que, apesar de estarem no campo linguístico, por vezes não são abordados, mas podem exercer papel crucial na compreensão desses processos. Neste caso, o cedilha, que é naturalmente espanhol e visava representar sons diferentes do castelhano, é simplificado nesse idioma, mas passa ao português e ainda dele nos servimos para efeito de representação gráfica.

Referências

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LOPES, Fernão. *Primeiro e Segundo Testamentos de D Fernando*. Disponível em: <https://1library.org/article/primeiro-e-segundo-testamentos-de-d-fernando.zw33m10y>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BAGNO, Marcos. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

CERVANTES, Biblioteca virtual Miguel de. *Carta-puebla de Monterreal en la provincia de Pontevedra. Diploma inédito de los Reyes Católicos*. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cartapuebla-de-monterreal-en-la-provincia-de-pontevedra-diploma-indito-de-los-reyes-catlicos-0/html/0057821a-82b2-11df-acc7-002185ce6064_4.html#l_0_. Acesso em: 20 mai. 2023.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

ECHENIQUE, Teresa.; ALCALDE, María. *Diacronía y gramática histórica de la lengua española*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2003.

UNI EDU. *Las Consonantes Del Castellano Medieval Y El Español Moderno*. Disponível em: <https://uni.edu/~castillo/241/consonantes.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

OLIVEIRA, Fernão de 1536. *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde. ed. fac-similada 1988. Lisboa: Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://archive.org/details/GrammaticaDaLingoagemPortuguesaEmLixboa27laneyro1536/page/n27/mode/2up>. Acesso em: 05 fev. 2024.

PENNY, Ralph; PEREZ, Ignacio. *Gramática histórica del español*. Barcelona: Ariel, 1993.

WRIGHT, Roger. *Latín tardío y romance temprano en España y la Francia carolingia*. Madrid: Gredos, 1989.

Recebido em 17 de julho de 2023
Aceito em 05 de outubro de 2023